SOBRE AS PRÁTICAS DO TEATRO DO OPRIMIDO: UM LEVANTAMENTO TEMÁTICO NO CAMPO DAS PEDAGOGIAS DO TEATRO

Nayane de Abreu Schamberlain e Hérick de Souza Justino (PIBIC/CNPq/FA/UEM), Sidmar Silveira Gomes (Orientador). E-mail: ssgomes@uem.br

Universidade Estadual de Maringá / Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes / Maringá, PR.

Linguística, Letras e Artes/Teatro.

Palavras-chave: Augusto Boal; Michel Foucault; instituições.

RESUMO

A presente pesquisa objetivou mapear e refletir acerca das práticas do Teatro do Oprimido (TO) de Augusto Boal atreladas às Pedagogias do Teatro. A partir da metodologia de trabalho desenvolvida na pesquisa institucional “As potencialidades da noção de arquivo para investigações no campo da Pedagogia do Teatro”, nos debruçamos em um arquivo com 36 artigos acadêmicos das áreas da Arte, da Educação e das Artes Cênicas para desenvolver o apanhado temático. Como resultado, percebemos a recorrência de práticas do Teatro do Oprimido e do legado de Augusto Boal em contextos das Pedagogias do Teatro no interior de instituições, como escolas e presídios. A partir disso, buscamos diálogo teórico com o pensador francês Michel Foucault, o qual apresenta que tais lugares configuram-se como espaços em excelência ao exercício de relações de poder, disciplina e controle sobre os sujeitos. Disso, uma questão emergiu: as práticas do TO, interessadas na emancipação e libertação de sujeitos, dadas em contextos de amarras institucionais rígidas, propulsoras de disciplinamentos e normalizações, resultam no afrouxamento desses nós institucionais ou numa espécie de institucionalização de práticas que, à princípio, pretendem ser desinstitucionalizadas?

INTRODUÇÃO

O Teatro do Oprimido (TO) é um conjunto de práticas teatrais estruturadas pelo diretor, dramaturgo, teórico e escritor Augusto Boal (1931-2009). Refere-se a práticas com grande caráter político e social que objetivam, de forma geral, “[...] democratizar a linguagem artística e proporcionar a interação da realidade social com a ficção para tornar o teatro uma possibilidade de crítica e transformação da sociedade” (Souza, Costa, 2020, p. 2). Portanto, o TO é um conjunto de técnicas teatrais que têm como principal meta a libertação e a emancipação, em conjunto, de sujeitos oprimidos na/pela sociedade. Dessa forma, por seus diversos desdobramentos pedagógicos, o TO influenciou e continua a influenciar as práticas das Pedagogias do Teatro, não apenas em solo nacional. Isso posto, no contexto do projeto de pesquisa “As Potencialidades da Noção de Arquivo para Investigações no

Campo da Pedagogia do Teatro" – o qual objetivou inventariar as práticas das Pedagogias do Teatro em solo nacional a partir de arquivo constituído pelo conjunto de artigos científicos atinentes a essa temática e publicados em revistas das áreas das Artes e da Educação – foi identificado um grupo significativo de artigos do campo das Pedagogias do Teatro que se valiam do TO e/ou do legado de Augusto Boal, fato que demanda atenção e justifica a presente pesquisa, dada no âmbito do Programa de Iniciação Científica – PIBIC/CNPq-FUNDAÇÃO ARAUCÁRIA-UEM.

MATERIAIS E MÉTODOS

Recebemos do orientador 36 artigos, pré selecionados do interior de um grande arquivo acerca do tema das Pedagogias do Teatro, constituído ao longo da pesquisa docente acima citada. Esses 36 textos foram lidos, fichados e agrupados por semelhanças por parte das pessoas bolsistas pesquisadoras. Tais artigos foram selecionados por meio de busca simples, que teve como base as palavras: Teatro do Oprimido e Augusto Boal. O escopo para a seleção desses textos foram as publicações, entre os anos 1990 e 2020, de 68 revistas científicas (com classificação A1, A2, B1 e B2) das áreas de Artes, Artes Cênicas e Educação. Dessas revistas, 58 são da área da Educação e 10 da área das Artes e das Artes Cênicas. Após leitura e fichamento dos artigos selecionados, estabeleceu-se a reflexão que segue.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

De acordo com o levantamento temático, percebemos que as práticas do TO/Boal estão significativamente atreladas às Pedagogias do Teatro, sobretudo em suas práticas realizadas no interior de instituições. Enfatiza-se aqui as relações entre o TO e contextos institucionais pelo fato de ter sido evidenciada, ao tomar-se em série e lançar-se luz sobre os textos trabalhados, o constante emprego do TO em contextos disciplinares, sobretudo, escolares e prisionais. Por exemplo, no artigo de autoria de Catelan e André (2019), reflete-se sobre a relação entre a escola e as práticas teatrais, compreendendo a similaridade entre esses dois espaços políticos, pois "[...] a defesa do ensino de arte na escola é uma ação política que se soma às intencionalidades de transformação da sociedade, que tanto almeja o espaço escolar" (Catelan; André, 2019, p. 243). O TO está presente nesse artigo quando se discute a existência de ações políticas por meio das interações recorrentes entre as pessoas envolvidas na escola e no teatro, assim como na defesa de que a população não apenas assista teatro, mas também o faça. Já no texto de autoria de Castro (2020), descreve-se e discute-se sobre uma experiência de teatro com adolescentes em medida socioeducativa no estado do Pará: "[...] o Teatro do Oprimido possibilitou criar um espaço de fala e escuta a partir das experiências compartilhadas com adolescentes durante as oficinas, em torno de questões e tensões colocadas por eles, tendo em vista a realidade em que vivem e viviam" (Castro, 2020, p. 6).

As justificativas para o emprego do TO em contextos institucionais mostram-se como variantes de um mesmo tema: desmecanização de corpos, criação de espaços de

fala e escuta, alcance de liberdade de expressão, corporal e do pensamento. Disso chega-se a uma problematização. O que resulta das práticas do TO acontecidas em contextos por excelência institucionais: a criação de possíveis fissuras em espaços marcadamente disciplinares, interesssados na regulação do comportamento de um conjunto de indivíduos, ou o engessamento, a institucionalização, de uma prática que à princípio pretende ser libertária, emancipatória e, portanto, longe das amarras institucionais?

Ao evidenciarem as relações entre disciplina e instituições, os textos ora escrutinados abrem espaço para que estabeleçamos contato com o pensador francês Michel Foucault (2021), interessado na articulação desses temas. O pensador francês ressalta que em razão de "fabricar" indivíduos, tomando-os, ao mesmo tempo, como objetos e instrumentos de seu funcionamento, a disciplina "[...] 'adestra' as multidões confusas, móveis, inúteis de corpos e forças para uma multiplicidade de elementos individuais – pequenas células separadas, autonomias orgânicas, identidades e continuidades genéticas, segmentos combinatórios" (Foucault, 2021, p. 167). A combinatória de três elementos, relembra o pensador, seria a tônica do sucesso do poder disciplinar: o olhar hierárquico, a sanção normalizadora e o exame. Nesse contexto, surgem as divisões e classificações, interessadas em separar bons de maus indivíduos, exemplares de desprezíveis, dividir por qualidades, categorias, as quais "[...] teriam como função marcar os desvios, hierarquizar as qualidades, as competências e as aptidões; mas também castigar e recompensar" (Foucault, 2021, p. 178). Complementa o seu raciocínio expondo que a penalidade que perpassa "[...] todos os pontos e controla todos os instantes das instituições disciplinares compara, diferencia, hierarquiza, homogeniza, exclui" (Foucault, 2021, p. 179-180), tendo em vista normalizar corpos e condutas.

Como já discutido anteriormente, o TO alcança relevância quando o tema são as práticas do teatro dentro de contextos institucionais, apesar das amarras disciplinares presentes nesses lugares, que com certeza influenciam de alguma maneira nas percepções e ações das práticas teatrais pelas pessoas participantes. Acerca disso, Boal discorre sobre uma experiência de Teatro Fórum em um presídio: "[...] depois de uma sessão de Teatro Fórum sobre o comportamento violento de guardas carcerários, [um guarda] comentou: 'eu não sabia que era um torturador: pensava que isso que eu fazia fosse 'educar os presos'". (BOAL, 2012, p. 30-31). Nessa passagem, fica entendido que a partir da experiência teatral proposta por Boal, o guarda teria reconhecido seu lugar de opressor diante do cargo que ocupava dentro do presídio. Sendo assim, nesse caso, o TO serviu para escancarar as opressões da instituição, fazendo perpetuar reflexões sobre como são estabelecidas as construções de poderes nesse ambiente. Entretanto, a pergunta que fica é: ainda que consciente do caráter violento de sua prática profissional, esse guarda encontrou dentro dessa instituição condições para que essa prática deixasse de ser opressiva, alcançando o seu fim de reinserir na sociedade os apenados por ele atendidos? Dessa, outra pergunta surge. O TO pode ser um grande dispositivo para problematizar e subverter os padrões hegemônicos de poder. A questão é, como o TO pode ser trabalhado em contextos institucionais, como escolas e presídios, sem

perder seu caráter político e libertador, diante de todos os mecanismos normativos e disciplinares (Foucault, 2021) que engendram esses sistemas?

CONCLUSÕES

A partir das perguntas levantadas ao longo desta investigação, e retomando Foucault, o pensador francês nos convoca a deixar de descrever sempre os efeitos de poder em termos negativos, como aquilo que “exclui”, “reprime”, “recalca”, “censura”, “abstrai”, “mascara”, “esconde”; sendo os espaços da escola, do sistema prisional e dos hospitais, como visto, privilegiados à circulação das forças de relações de poder. Como alternativa, o pensador francês apresenta que o poder produz: “[...] ele produz realidade; produz campos de objetos e rituais da verdade. O indivíduo e o conhecimento que dele se pode ter se originam nessa produção” (Foucault, 2021, p. 189). Quiçá as práticas do TO em contextos institucionais, ao invés de estarem à mercê do alcance de uma desejada situação irrestrita de não-poder – condição ilusória do ponto de vista foucaultiano –, possam instigar contextos nos quais as maquinarias de poder inerentes e constituintes desses espaços sejam alumiadas, questionadas e defrontadas pelo que são, ou seja, arranjos de poder, em prol da criação de contextos de resistência, objetos e rituais de verdade outros.

AGRADECIMENTOS

A todas as pessoas que participaram, diretamente ou indiretamente, do desenvolvimento desta pesquisa. Ao meu orientador pelo zelo, dedicação e pelos compartilhamentos. À Fundação Araucária de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico do Estado do Paraná pelo fomento desta pesquisa.

REFERÊNCIAS

BOAL, A. **Teatro do Oprimido e outras poéticas políticas.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.

CASTRO, M. Bioescritas como dispositivo de construção dramatúrgica com adolescentes privados de liberdade. **Urdimento**, Florianópolis, v. 3, n. 39, nov./dez. 2020.

CATELAN, F. B.; ANDRÉ, C. M. Teatro na escola com ou sem partido sempre será político. **Urdimento**, Florianópolis, v.1, n.34, p. 236-245, mar./abr. 2019.

FOUCAULT, M. **Vigiar e Punir**. Petrópolis: Vozes, 2021.

SOUZA, F.; COSTA, S. O Teatro do Oprimido: dimensões políticas e pedagógicas em perspectiva freiriana. **Revista Amazônida**, v. 5, n. 1, p. 01-10, 2020.